



# Operacionalização das Práticas Telecolaborativas: Perspectivas e Desafios

Douglas Cunha dos Santos  
Daniela Nogueira de Moraes Garcia

**Como citar:** SANTOS, Douglas Cunha dos; GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes. Operacionalização das práticas telecolaborativas: perspectivas e desafios. *In:* GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes; CARDOSO, Gabriela Pedroso; COSTA, Yngrid Karolline Mendonça; CASTILHO, Isabelle (org.). **Tecnologias na educação:** explorando potenciais e conectando saberes Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p 93-112. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-513-1.p93-112>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# OPERACIONALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS TELECOLABORATIVAS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

*Douglas Cunha dos SANTOS<sup>12</sup>*  
*Daniela Nogueira de Moraes GARCIA<sup>13</sup>*

## Introdução

A era da globalização e o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) têm contribuído e propiciado contextos promissores para a educação. Os aplicativos, *sites* e redes sociais, além dos dispositivos que possibilitam o acesso à internet, são ferramentas que ampliam o papel do professor em sala de aula (Leffa, 1999). Para Marques-Schäfer e Rozenfeld (2018), “O convívio diário e quase que constante com recursos tecnológicos, em especial, com tecnologias móveis, como celulares e tablets, leva-nos a repensar sobre formas e conteúdos de aprendizagem” (p. 9).

Observando o panorama atual, após a pandemia de covid-19, é possível destacar o impacto dessas tecnologias na educação. Em momento de distanciamento social e tentativa de minimização de contaminação, a sala de aula deslocou-se de seu espaço físico e migrou para a internet, em um con-

---

<sup>12</sup> Mestrando em Educação / PPGE / Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP / campus de Marília / SP / Brasil / E-mail: douglas.cunha@unesp.br

<sup>13</sup> Professora Livre Docente junto ao Departamento de Letras Modernas e Vice-Diretora da Faculdade de Ciências e Letras / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP / Campus de Assis/SP e Professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação / PPGE/ Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP / Campus de Marília / SP / Brasil / E-mail: daniela.nm.garcia@unesp.br

texto de ensino/aprendizagem mediado pelo computador. Kersch e Martins (2020, p.14) reconhecem que

Não podemos, agora que estamos todos vacinados, voltar às salas de aula e às nossas práticas antigas, como se nada tivesse acontecido. Março de 2020 (e o que se seguiu a ele) nos chama à ação. Este tempo pandêmico nos mostra que precisamos recomeçar e repensar a escola (e nossas práticas pedagógicas).

No que diz respeito às línguas estrangeiras, as TDICs têm sido utilizadas para mediar o processo de ensino/aprendizagem, por meio de aplicativos de aprendizagem de idiomas ou de cursos *on-line*, populares antes mesmo do período de isolamento, que utilizam plataformas como *Skype* e *Zoom* e ambientes de compartilhamento virtual, como o *Google Classroom*.

Nessa conjuntura, as ações telecolaborativas, já abordadas no Capítulo 3 desta obra, também, têm oferecido contextos profícuos para a aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) (Ross e Disalvo, 2020; Ferdig *et al.*, 2020; Beaven e O’Dowd, 2019). A telecolaboração corrobora o trabalho pedagógico realizado em sala de aula de língua estrangeira e pode proporcionar contextos de comunicação autêntica aos seus participantes, além de ser uma experiência de inter/transculturalidade e internacionalização em casa (Baranzelli *et al.*, 2020; Salomão e Freire Jr, 2020).

O presente trabalho estabelece diálogo com os estudos compilados por Salomão e Freire Jr (2020) que retratam perspectivas de implementação de ações de intercâmbio virtual mediadas pelo inglês em áreas e temáticas diversas, como robótica, tradução, resiliência climática, entre outras.

Em uma universidade estadual paulista, são oferecidas atualmente duas modalidades de ações telecolaborativas: o teletandem e a telecolaboração em inglês como língua franca/língua estrangeira, que complementam as ações pedagógicas e auxiliam os participantes na aprendizagem. Tem, ainda, sido desenvolvidas ações de intercâmbio virtual no âmbito do Programa Brazilian Virtual Exchange (BRaVE), com atividades pedagógicas entre países e áreas diferentes, por meio de uma língua, como inglês ou espanhol, como retratam os supracitados autores, Salomão e Freire Jr. (2020). No entanto, destaca-se a necessidade (intensificada pelo cenário da pandemia

do covid-19) da compreensão da operacionalização destas práticas que contemple os processos envolvidos nas ações.

Com base em experiências retratadas por Garcia (2020), é possível observar a capacidade das tecnologias em estimular ambientes de aprendizado colaborativo a distância em servir tanto para ampliar as atividades realizadas em sala de aula quanto para habilitar professores e alunos a responderem a novas exigências. Sendo assim, compreendemos que é necessário pensar, não somente na telecolaboração como uma interação em si mesma, mas nos processos que articulam uma logística que antecede cada sessão e no ambiente computacional em que essas atividades são realizadas, de modo a auxiliar os professores, pesquisadores e mediadores responsáveis e os alunos participantes envolvidos.

Uma vez observadas estas etapas e ações, maximiza-se seu sucesso e impacto no processo de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e busca-se evitar/prever consequências negativas que podem ocorrer por falta de procedimentos metodológicos e/ou dificuldades instrumentais. Pretendemos, assim, abordar as ações de telecolaboração pautadas em inglês/português enfocando o contexto teletandem e, também, as práticas em inglês como língua franca. Em seguida, apontamos a metodologia e passamos aos dados coletados durante a pesquisa conduzida<sup>14</sup>. Tecemos, por fim, considerações finais referentes à organização da logística para práticas telecolaborativas.

### **As ações de telecolaboração**

Não podemos deixar de mencionar os grandes desafios vivenciados no cenário educacional em momento de pandemia, envolvendo a necessidade de continuidade de práticas pedagógicas e a utilização das tecnologias. Deparamo-nos com um repensar e desbravar em prol do processo de ensino/aprendizagem, impactando estudantes, professores, famílias e gestores. De qualquer maneira, os desafios e impactos ainda ecoarão por algum tempo.

De acordo com Moran (2004), as tecnologias “nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes às de antes. Podemos

---

<sup>14</sup> Agradecemos imensamente a Bianca de Carvalho Nunes Dias pela parceria quando da ocasião de seus estudos de iniciação científica, enriquecendo significativamente esta pesquisa.

aprender estando em lugares distantes, sem precisarmos estar sempre juntos numa sala para que isso aconteça” (p. 348). Nesse sentido, podemos traçar um paralelo atual que evidencia a contribuição dos avanços tecnológicos para inovações no contexto pedagógico. Ademais, temos buscado possibilidades de potencializar o processo de ensino/aprendizagem depois de um período de grandes esforços empreendidos frente às adversidades atípicas.

A telecolaboração tem trazido grandes contribuições para o processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Segundo O’Dowd, trata-se da “aplicação de ferramentas de comunicação *on-line* para conectar aprendizes de línguas geograficamente distantes com o propósito de desenvolver as habilidades de língua e competência intercultural por meio de tarefas colaborativas ou um projeto de trabalho” (O’Dowd, 2007, p. 342). Segundo ele, a telecolaboração é uma das atividades essenciais da comunicação mediada pelo computador em se tratando de línguas estrangeiras (O’Dowd, 2015).

As ações de colaboração *on-line* não devem objetivar apenas uma simples conversa entre aprendizes geograficamente distantes, mas sim desenvolver suas habilidades linguísticas (Vassalo; Telles, 2006, p. 102). É importante, também, destacar sua natureza intercultural. Para O’Dowd (2015), o cerne da prática telecolaborativa é seu caráter intercultural, sugerindo um intercâmbio entre vivências distintas. De acordo com Garcia (2013), “é possível perceber que a telecolaboração abarca objetivos não somente linguísticos mas, também, de desenvolvimento da competência intercultural” (Garcia, 2013, p. 20). Belz (2003) também cita o desenvolvimento da competência intercultural como um dos pilares da ação.

Sendo assim, compreendemos que a prática da telecolaboração contribui para as ações pedagógicas significativas, possibilitando o acesso dos alunos e participantes a diferentes culturas e a um contexto de comunicação em línguas estrangeiras que favorece o desenvolvimento de competências linguísticas e interculturais.

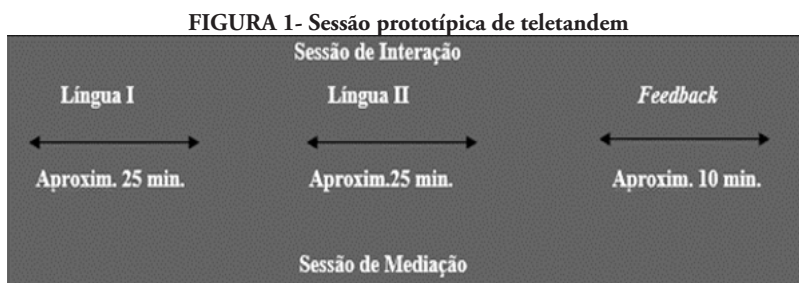
### **O teletandem**

A aprendizagem em tandem tem seus primórdios na década de 60 na Europa e, desde então, tem proporcionado o acesso e a aproximação entre diferentes povos e culturas (Brammerts, 2003; Dellile & Ferreira, 2002).

Segundo Brammerts (2003), “Quando aprendem uma língua em tandem, duas pessoas com diferentes línguas maternas trabalham juntas a fim de aprender uma com a outra” (tradução nossa).

O Projeto Teletandem Brasil apresenta o teletandem como um contexto telecolaborativo, baseado nos princípios da aprendizagem em tandem (autonomia, reciprocidade e o uso separado de línguas) e, a partir do suporte das novas tecnologias, promove experiências bilíngues através de recursos de escrita, voz e imagens de webcam da tecnologia VOIP (Telles, 2006, 2009, 2015). Desse modo, parcerias com universidades estrangeiras são feitas e alunos brasileiros que querem aprender uma língua estrangeira são pareados com alunos estrangeiros que querem aprender português. Assim, são conduzidas sessões de interação, através do *Skype* institucional da universidade.

As interações em teletandem oferecidas no Brasil, no contexto aqui observado, e nas demais universidades parceiras, configuram-se como ilustrado na figura 1.



Fonte: Adaptado de Garcia, 2013.

Em decorrência da pandemia de covid-19 e das recomendações de isolamento social adotadas no período, essa estrutura de aplicação, que prevê os interagentes alocados em um mesmo laboratório, foi transposta para interagentes em suas casas, fazendo uso de seus próprios recursos e *Skype* pessoal para a condução da sessão de Teletandem. Nesse modelo, o acompanhamento do mediador é conduzido a distância, por meio de mensagens de texto e/ou voz em aplicativos como *WhatsApp* e plataformas como o *Facebook*.

## A telecolaboração em inglês como língua franca

A partir do teletandem, desponta um novo tipo de telecolaboração, pautada no inglês como língua franca. Para El Kadri (2010), a língua inglesa se configura como língua franca graças a algumas características atribuídas ao idioma devido à sua expansão global. Sumariamente, para a autora, língua franca é

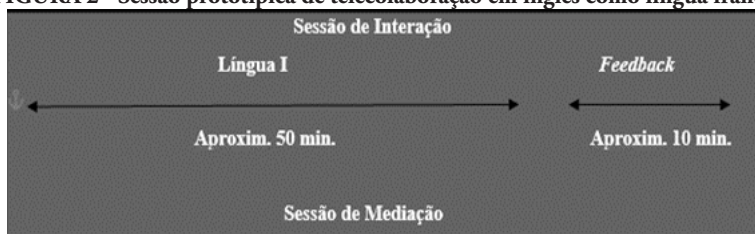
um sistema linguístico adicional que serve como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, ou uma língua pela qual os membros de diferentes comunidades de fala podem se comunicar entre si, mas que não é a língua materna de nenhum deles – uma língua que não tem falantes nativos. (El Kadri, 2010, p. 65).

Nesta ação de telecolaboração em inglês que observamos, os estudantes brasileiros são pareados com estrangeiros de uma universidade britânica que, também, não são nativos da língua inglesa. Diferentemente do teletandem, nesse modelo de experiência de colaboração *on-line*, os pares interagem durante uma hora em inglês por meio da comunicação síncrona, com vídeo e som, via rede social *Facebook*. É possível observar que, dos princípios da aprendizagem em tandem supracitados, mantêm-se a reciprocidade e a autonomia para as trocas, como estudado por Garcia (2021).

Além dos objetivos linguísticos que são trabalhados durante a sessão de interação, os participantes também desenvolvem sua competência inter/transcultural, já que a telecolaboração promove um contexto favorável para os pares explorarem as culturas um do outro (Freitas e Garcia, 2018).

As ações de telecolaboração em inglês como língua franca, aqui expostas, são ilustradas na figura 2:

FIGURA 2 - Sessão prototípica de telecolaboração em inglês como língua franca.



Fonte: De Oliveira, 2018.

É importante enfatizar que, no contexto retratado neste estudo, tanto no teletandem como na telecolaboração em inglês como língua franca, as sessões de mediação são oferecidas apenas no Brasil. Contudo, os professores do exterior realizam atividades de acompanhamento e avaliação sobre as sessões, em sala de aula, por meio de formulários pela internet em que os alunos possam relatar a prática, compartilhar desafios e reflexões sobre a experiência. Articula-se, assim, um espaço de voz para que os participantes se expressem com vistas a posturas crítico-reflexivas.

### **Sobre a operacionalização**

Aqui tomamos a definição de operacionalização como o processo de estabelecer variáveis de forma a permitir sua medição ou manipulação dos procedimentos de um projeto para fins de um estudo científico (Becker, 2008). Tendo em vista que as recentes atualizações no modelo de Teletandem e Telecolaboração previsto por Telles (2006, 2009, 2015) frente aos avanços na tecnologia e as situações atípicas de isolamento social, se fez necessário especificar os procedimentos e instrumentos que foram usados para operacionalizar o conceito e quantificá-lo, com o objetivo de tornar a atividade “operacional”, o que significa que ela poderia ser medida objetiva e consistentemente em um estudo, permitindo comparações significativas entre os resultados de diferentes estudos ou grupos no futuro. Ademais, operacionalizar ajudará a garantir que os estudos possam ser replicados, o que é um aspecto importante da rigorosidade científica (Chalmers, 1993).

A operacionalização aqui proposta, desta forma, envolve a definição clara dos objetivos educacionais por trás das decisões tomadas na aplicação descrita e a identificação de meios eficazes para alcançá-los futuramente. Em nossa análise, também apontamos marcadores que permitem avaliar o desempenho dos participantes, bem como a efetividade das etapas pré e pós aplicação. Portanto, a operacionalização das iniciativas telecolaborativas se faz fundamental para a melhoria da qualidade de sua realização e para o desenvolvimento de uma cultura de avaliação e aprimoramento contínuos.



## Metodologia

A investigação se insere em um paradigma qualitativo de pesquisa de cunho etnográfico considerando o objeto de estudo aqui explicitado (Lüdke e André, 1986; Denzin e Lincoln, 1998; Burns, 1999). Aqui, brevemente, abordamos um recorte de pesquisa de iniciação científica conduzida pelo período de um ano.

Assim, para compreender os processos logísticos implicados nas ações telecolaborativas realizadas, foram organizadas as turmas de teletandem e de telecolaboração como língua franca, realizadas ações de divulgação, além de assumir a mediação da turma, acompanhando as interações e os participantes. Os demais autores, sistematicamente, acompanham turmas nas práticas de colaboração *on-line* e possuem vasta experiência na temática.

A pesquisa foi realizada em dois laboratórios da universidade. Além de computadores com acesso à internet e dispositivos de áudio e imagem, o Laboratório 1 conta com uma mesa central, onde são conduzidas as sessões de mediação, momento de discussões com os interagentes após cada interação para fomentar reflexões e *feedback* sobre aprendizagem da língua inglesa e culturas.

Para o estudo, os dados foram coletados nos dois tipos de colaboração *on-line* aqui explanados, com duas turmas, denominadas aqui Turma 1 (interações em inglês) e Turma 2 (interações em português e inglês). Na primeira Turma, de inglês como língua franca, os dados referem-se a três sessões realizadas entre os meses de agosto e setembro de 2019, sendo uma hora de interação e os vinte minutos seguintes destinados à sessão de mediação.

Estas interações foram realizadas por meio da ferramenta de videoconferência da rede social *Facebook*. Sua utilização se fez necessária dada a incompatibilidade de versões do *Skype* entre as universidades do Brasil e Reino Unido participantes. Uma vez detectada a situação, para otimizar o processo, foi sugerida a utilização da rede social como opção gratuita de comunicação em vídeo. Os interagentes também utilizaram o recurso de *chat* da plataforma, proporcionando a possibilidade de praticar as habilidades de escuta, fala, leitura e escrita.

Os participantes da Turma 1 foram 20 alunos brasileiros de cursos de Graduação em áreas diversas oferecidos na universidade, bem como doutorandos e alunos do Centro de Línguas da instituição e foram devidamente pareados com alunos da universidade estrangeira. No que diz respeito à Turma 2, os dados são oriundos de seis encontros, realizados entre os meses de março e abril de 2020, sob a configuração de uma hora destinada para a interação com a troca de línguas e quinze minutos para a sessão de mediação.

As sessões de interação da Turma 2 foram iniciadas por meio do *Skype* institucional, e, devido à pandemia do covid-19, foram transferidas para as contas pessoais no mesmo aplicativo. Dado o contexto inesperado, uma interação foi realizada no laboratório e as demais a distância, estando cada participante em casa, com seus dispositivos e contas próprias. Nesta modalidade, também, puderam ser exercitadas as habilidades de escuta, fala, leitura e escrita, já que o *Skype* possui a ferramenta do *chat*. No que diz respeito ao pareamento da Turma 2, foram contemplados oito alunos brasileiros de cursos de Graduação em áreas diversas oferecidos na universidade.

O quadro abaixo retrata o panorama das duas modalidades de telecolaboração, ressaltando que a metodologia de uso é similar.

**TABELA 1: Informações das Turmas de telecolaboração.**

	<b>Telecolaboração em Inglês como Língua Franca</b>	<b>Teletandem</b>
<b>Número de Interações</b>	03	06
<b>Número de participantes brasileiros</b>	20	08
<b>Cursos dos interagentes brasileiros</b>	Ciências Biológicas, Engenharia Biotecnológica, História, Letras e Psicologia	Ciências Biológicas, Engenharia Biotecnológica, História, Letras e Psicologia
<b>Uso do <i>Facebook</i></b>	X	
<b>Uso do <i>Skype</i> Institucional</b>		X
<b>Uso do <i>Skype</i> pessoal (excepcionalmente por conta da pandemia)</b>		X

Fonte: Autores, 2023.

Os instrumentos empregados para a execução da coleta de dados foram comentários escritos em grupo fechado do *Facebook*, transcrições de áudio e de diários e notas de campo e um questionário via *Google Forms*. Passamos, agora, aos dados que foram coletados.

### **Análise dos dados**

Este estudo surge a partir de impasses observados em ações de telecolaboração nos laboratórios de língua, como, por exemplo, desencontro e falta de agilidade nas informações, necessidade de trocas de parcerias e mal funcionamento de equipamentos. Assim, voltamo-nos para os processos de organização logística com vistas a um esclarecimento e alinhamento de procedimentos para potencializar a qualidade de execução das interações.

### **A operacionalização das sessões de telecolaboração**

Considerando que a logística das interações de teletandem e de telecolaboração em inglês como língua franca não diz respeito a somente o que acontece durante a interação, faz-se necessário conceber ações que contemplem anterior e posteriormente a uma sessão.

Desse modo, com base nos dados analisados e nossa experiência prévia, foi possível delinear algumas ações metodológicas pertinentes às ações de telecolaboração *on-line*, abrangendo o antes, o durante e o depois das sessões, para potencializar a execução das interações.

### **Antes da interação**

Os processos anteriores à interação contemplam a criação do formulário *on-line* de inscrição, material de divulgação virtual, elaboração de mensagens de confirmação das inscrições, pareamento e, por fim, a organização do ambiente computacional. Tais passos são a base das interações, relevantes para o sucesso de todas as etapas subsequentes. É importante que o mediador, pesquisador ou professor responsável pela turma da telecolaboração mantenha um canal de comunicação eficiente com o parceiro da universidade estrangeira durante esses processos, de modo que todos os passos estejam

alinhados antes da primeira interação.

Reforçamos que este momento que antecede as interações deve ser organizado previamente, o que demanda tempo dos professores envolvidos e uma definição de agendas e objetivos.

### O formulário de inscrição e divulgação

É ideal que o formulário de inscrição seja criado e divulgado com, no mínimo, 20 dias de antecedência até a primeira interação. Assim, os interessados em participar da telecolaboração *on-line* terão tempo para organizar seus calendários e o mediador responsável poderá conduzir, com tranquilidade, os outros processos precedentes à interação.

A ficha de inscrição pode ser criada no *Google Forms* e contemplar algumas partes, como:

**TABELA 2: Ficha de Inscrição**

Seção	Detalhes e Conteúdos
I. Informações gerais	Inclui datas, horários e recomendações relacionadas ao curso ou evento
II. Termo de compromisso	Os interagentes concordam com os termos, como políticas de falta e requisitos para certificação
III. Dados pessoais e informações de contato	Solicitação de informações como nome, e-mail, número de celular ou <i>WhatsApp</i> , e link do perfil do <i>Facebook</i>
IV. Informações pedagógicas	Compilação de dados sobre cursos, instituição de ensino, experiências anteriores em colaboração <i>on-line</i> e nível de proficiência no idioma em foco
V. Envio da inscrição	Finalização e envio do formulário de inscrição

Fonte: Autores, 2023.

A última parte deve ser utilizada para reiterar informações sobre a interação e envio da inscrição. Após a criação do formulário, sua divulgação deve ser feita nas redes sociais e por e-mail institucional.

## Confirmação das inscrições

A confirmação das inscrições se dá após o fechamento do formulário. Esse passo ocorre logo após o preenchimento das vagas disponíveis para a turma ou, pelo menos, cinco dias antes da primeira sessão de interação.

A confirmação é feita por e-mail, reforçando os horários e datas das interações da turma, além de orientações e recomendações gerais. Caso o número de inscritos tenha excedido o número de vagas da turma, um e-mail sobre a lista de espera também deve ser enviado. Assim, se por algum motivo, algum interagente não conseguir comparecer, será possível considerar os interessados à espera da vaga.

É pertinente, também, mencionar que a criação de um grupo fechado no *Facebook* já foi um procedimento adotado. Com o *link* do perfil da rede social dos participantes, o mediador ou pesquisador responsável pode criar o grupo para confirmar as inscrições dos interagentes, divulgar informações pertinentes, coletar dados e otimizar os processos como pareamento e a mediação. A ferramenta do *Facebook*, combinada com os e-mails, mostrou-se facilitador na comunicação com os interagentes.

## Pareamento

O pareamento é essencial para o funcionamento de todas as interações, mas, principalmente, da primeira sessão de interação. Sem o pareamento prévio, como antes acontecia no contexto aqui observado, grande parte desta interação era destinada a parear os alunos e conectá-los.

A não observância a esse passo acarreta algumas problemáticas. A primeira é a perda de tempo de interação. Enquanto os alunos poderiam estar conversando e praticando a língua-alvo, eles esperam o pareamento realizado pelo mediador. A demora para conectar os pares causa a segunda problemática, que é a desistência de interagentes logo na primeira semana.

Para promover a ordem no Laboratório, no caso de interações presenciais, é fundamental fazer o pareamento pelo menos três dias antes da primeira interação. Sugerimos uma tabela de sete colunas contendo as principais informações dos alunos para conectá-los aos pares, com espaços para que os professores responsáveis das universidades parceiras possam, também, inserir os mesmos dados de seus alunos.

**FIGURA 3: Modelo de tabela para pareamento.**

	Nome do interagente brasileiro	E-mail do interagente brasileiro	Link do perfil do Facebook ou usuário de Skype do interagente brasileiro	Nome do interagente estrangeiro	E-mail do interagente estrangeiro	Link do perfil do Facebook ou usuário de Skype do interagente estrangeiro
01	Nome do interagente brasileiro 01	interagente.brasileiro01@...com	Link ou usuário de Skype	Nome do interagente estrangeiro 01	interagente.estrangeiro01@...com	Link ou usuário de Skype
02	Nome do interagente brasileiro 02	interagente.brasileiro02@...com	Link ou usuário de Skype	Nome do interagente estrangeiro 02	interagente.estrangeiro02@...com	Link ou usuário de Skype
03	Nome do interagente brasileiro 03	interagente.brasileiro03@...com	Link ou usuário de Skype	Nome do interagente estrangeiro 03	interagente.estrangeiro03@...com	Link ou usuário de Skype
04	Nome do interagente brasileiro 04	interagente.brasileiro04@...com	Link ou usuário de Skype	Nome do interagente estrangeiro 04	interagente.estrangeiro04@...com	Link ou usuário de Skype
05	Nome do interagente brasileiro 05	interagente.brasileiro05@...com	Link ou usuário de Skype	Nome do interagente estrangeiro 05	interagente.estrangeiro05@...com	Link ou usuário de Skype
06	Nome do interagente brasileiro 06	interagente.brasileiro06@...com	Link ou usuário de Skype	Nome do interagente estrangeiro 06	interagente.estrangeiro06@...com	Link ou usuário de Skype

**Fonte: Autores, 2020.**

Depois de preencher a tabela com os dados dos interagentes brasileiros, o mediador responsável deve fazer o *upload* do arquivo no *Google Drive* e compartilhá-lo com o professor da universidade parceira, para que ele também possa preenchê-lo. A partir do preenchimento compartilhado da tabela, o arquivo pode ser enviado aos interagentes para que eles possam se conectar com os parceiros antes da primeira interação.

A tabela de pareamento pode ser enviada no grupo do *WhatsApp*, *Facebook* e no e-mail. Os dois primeiros são vistos mais frequentemente e a notificação é instantânea, o que agiliza o processo. Essas ferramentas, que se tornaram muito mais comuns após 2020, otimizam esse processo de contato pois facilitam a comunicação com os interagentes.

### **A organização do ambiente computacional**

Em uma tentativa complementar com vistas a um bom andamento das práticas telecolaborativas, faz-se necessária a organização do ambiente computacional, no caso de condução de atividades presencialmente. É interessante que o mediador responsável pela turma, de teletandem ou de telecolaboração em língua franca, realize a testagem de todos os equipamentos que serão utilizados antes de cada interação. Caso as atividades sejam conduzidas de forma remota, orientamos que os participantes adotem o mesmo procedimento.

O teste deve ser feito em três etapas. A primeira é checar se o computador tem acesso à internet, já que é por meio da rede que as interações serão

realizadas. A segunda etapa é o teste de som. Os fones e os microfones devem ser verificados para evitar possíveis dificuldades relacionadas ao dispositivo durante a interação. Por fim, as *webcams* devem ser verificadas para garantir que os interagentes possam utilizá-las de acordo com os princípios das ações em tandem: autonomia, reciprocidade e bilinguismo (Telles, 2006).

É importante que o número de interagentes seja sempre inferior ao número de computadores disponíveis no laboratório, já que, caso ocorra algum empecilho durante as interações, a troca dos dispositivos possa ser feita com mais celeridade.

### **Durante a interação**

Ao longo do período da interação, o professor/pesquisador/mediador e o professor da universidade estrangeira devem estar conectados para auxiliar os alunos. Neste momento, a tabela de pareamento é muito útil, já que em caso de imprevistos, como ausência ou dificuldades em realizar a conexão, os responsáveis conseguirão acessar as informações dos participantes e realizar ajustes, se necessário.

Para diminuir dificuldades relacionadas ao barulho ambiente, já que, geralmente, nos laboratórios a disposição das máquinas se dá sequencialmente, em fileiras, os interagentes podem se posicionar de maneira dispersa ou intercalada. Em turmas maiores, como as de 20 interagentes, uma possibilidade seria a divisão dos participantes em dois laboratórios, de modo que os ruídos da conversação com os parceiros possam ser minimizados. Intercalar assentos foi uma ação aplicada nas segunda e terceira sessões de telecolaboração em língua franca, sendo benéfica e resultando na diminuição dos ruídos de fundo, como podemos constatar nos excertos a seguir:

- “Na primeira sessão tive problema com o barulho da sala e com minha timidez, travei muito ao falar. Na segunda, os dois problemas já se resolveram quase por completo, espero que nessa semana eu trave ainda menos que nas duas últimas sessões.”

Excerto 1 - Comentário no grupo do *Facebook*, Manuela, em 29/08/2019

- “A minha primeira interação foi ótima apesar dos problemas com o áudio, nós conseguimos resolver utilizando palavras-chave no *chat*, o que ajudou bastante para que a conversa fluísse e a gente se conhecesse melhor. Na segunda interação os problemas com o áudio diminuíram e a conversação fluiu muito melhor.”

Excerto 2 – Comentário no grupo do *Facebook*, Isabelli, em 29/08/2019

É importante enfatizar que, no caso das sessões presenciais de teletandem, conforme os procedimentos aqui explicitados, o computador que os interagentes irão utilizar poderá já estar conectado a um nome/número de usuário específico do *Skype* institucional, disposto na tabela de pareamento. O responsável pela turma, professor/pesquisador/mediador, deverá estar atento à disposição dos computadores ao fazer a distribuição das parcerias, para evitar que os participantes fiquem muito próximos durante a interação. Deverá, ainda, certificar-se de que se conectem com os *logins* previamente distribuídos, como, por exemplo, *universidadecampus8* ou *universidadecampus14*.

Apesar de se constituírem em detalhes, a adoção destes procedimentos empreende muita celeridade ao processo já que, uma vez de posse dessas informações, os professores/pesquisadores/mediadores conseguem gerenciar melhor suas turmas que, rapidamente, se conectam e iniciam as interações.

Vale salientar que, no caso do uso do *Facebook* para as interações, são compartilhados os endereços de perfil pessoal e, da mesma forma, otimiza-se o processo. Como consequência à utilização do *Facebook*, promoveu-se uma aproximação entre os pares, dado que as postagens pessoais podem ser vistas uma vez que as pessoas estejam conectadas em relação de amizade. Hoje, com a crescente popularização do *WhatsApp*, pensamos que poderia ser, também, uma possibilidade.

Finalmente, no laboratório, no decorrer do tempo de cada interação, é importante que o mediador esteja atento às possíveis necessidades dos interagentes, como a troca de fones, microfones e, até mesmo, do próprio computador, caso se façam necessárias. No caso do teletandem, também é



preciso atentar para o momento/horário em que a troca das línguas deve ser feita, alertando os interagentes para tal, a fim de que o tempo da sessão seja igualmente utilizado para a prática dos dois idiomas, observando-se aos princípios do uso separado de línguas e da reciprocidade, conforme já explicitados neste trabalho

### **Após a interação**

O momento posterior à interação é destinado às sessões de mediação. É a partir da mediação que temos o retorno dos interagentes em relação à interação com os seus parceiros, bem como o parecer acerca dos processos e possíveis dificuldades durante o período de comunicação. É nesta etapa, também, que são coletados os dados para pesquisas.

Caso a mediação seja feita em forma de roda de conversa, o mediador, com a autorização dos alunos, pode gravar seus relatos para futura análise. Caso seja feita por meio de diários ou relatos, o grupo no *Facebook* pode ser muito útil, já que o mediador pode postar as perguntas e os interagentes podem respondê-las pelos comentários. No caso de pesquisas utilizando formulários *on-line*, grupos na rede social ou *WhatsApp* facilitam o compartilhamento de *links* ou informações referentes à pesquisas que demandem algum encaminhamento mais imediato.

Em situações presenciais, é interessante que a primeira sessão de mediação se configure como uma roda de conversa, já que os participantes poderão se conhecer, interagir e compartilhar suas experiências com o grupo. Para o mediador, esse primeiro contato poderá fornecer dados importantes para delinear ações subsequentes e amenizar possíveis dificuldades em futuras sessões de interação de uma turma.

No caso de ações colaborativas remotas ou situações inesperadas, como a pandemia, é possível pensar em formatos distintos de mediação como, por exemplo, redes sociais como o *Facebook* (Garcia e Gomes de Souza, 2019) e *WhatsApp*, de forma assíncrona, ou plataformas de videoconferência, como *Zoom* ou *Google Meet* para realização síncrona.

Portanto, é relevante enfatizar que a mediação, etapa que sucede as interações, constitui-se importante momento para avaliação do processo e das atividades, empreendendo direcionamentos e ajustes na condução da

telecolaboração. Constitui-se, ainda, ferramenta para que os pesquisadores/mediadores/professores recebam *feedback* e possam oferecer suporte aos interagentes, já que auxilia no desenvolvimento de soluções para maximizar a qualidade das interações de colaboração *on-line*.

### **Considerações finais**

A partir do repertório teórico e dos dados, brevemente, compartilhados no presente trabalho, bem como a reflexão acerca dos processos logísticos que perpassam as sessões de interação de teletandem e telecolaboração em inglês como língua franca, foi possível organizar os procedimentos e etapas para a aplicação do projeto de forma a atender as demandas de mobilidade virtual, intercâmbio cultural e aprendizagem, sem prejuízos de intercorrências externas, em modelos localizados (com o uso de laboratórios físicos dentro das universidades) ou remotos (com os participantes em múltiplas localidades). Além disso, destacamos a possibilidade de levantamento de dados empíricos que possam ser qualificados e analisados longitudinalmente com as sessões de mediação adaptadas para redes sociais (coletas assíncronas) ou plataformas de videoconferência (coletas síncronas), quando em contextos híbridos ou remotos, devidamente acompanhados pelo professor/pesquisador/mediador responsável.

Entendemos que as ações de operacionalização traçadas neste trabalho contribuem para a execução das modalidades de colaboração *on-line* tanto nos laboratórios como em situações de distanciamento social, em que as interações precisem ser feitas com os dispositivos dos alunos e em casa. Tais procedimentos auxiliam professores/pesquisadores/mediadores e interagentes no desenvolver das parcerias, de modo que as interações sejam otimizadas e possibilitem que os pares tenham experiências de comunicação ainda mais profícuas, visando melhorias na organização e condução das sessões de interação.

As ações telecolaborativas envolvem processos, como aqui apontados, devendo ser viabilizados antes, durante e depois das interações e, dessa forma, demandam tempo e dedicação dos professores/pesquisadores/mediadores responsáveis pelas turmas. No entanto, compreendemos que tais procedimentos que operacionalizam a prática, ainda que trabalhosos, são

necessários para o sucesso das interações, que apresentam resultados significativos para os seus participantes.

## Referências

ARANHA, S.; WIGHAM, C. R. Virtual exchanges as complex research environments: facing the data management challenge. A case study of Teletandem Brasil. **Journal of Virtual Exchange**, v. 3, p. 13-38, 2020. DOI: 10.21827/jve.3.35748.

BARANZELI, C.; MOROSINI, M. C.; WOICOLESKO, V. G.. “**A chave está na troca**” – estudantes de mobilidade como vetores da internacionalização em casa. Sér.-Estud., Campo Grande, v. 25, n. 53, p. 253-274, jan. 2020. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-19822020000100253&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-19822020000100253&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 set. 2023. Epub 12-Maio-2020. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i0.1400>.

BEAVEN, A.; O'DOWD, R. Evaluating the impact of virtual exchange on initial teacher education: a European policy experiment. **Research-publishing.net**, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14705/rp-net.2019.29.9782490057337>.

BECKER, H. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

BELZ, A. J. Linguistic Perspectives on the Development of Intercultural Competence. In: Telecollaboration. **Language Learning & Technology**, 7(2), p. 68-117, 2003.

BRAMMERTS, H. Autonomous language learning in tandem. In: LEWIS, T.; WALKER, L. (Eds.) **Autonomous Language Learning In-Tandem**. Sheffield, UK: Academy Electronic Publications, p.27-36, 2003.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

DELLILE, K. H.; CHICHORRO FERREIRA, A. (Eds.) **Aprendizagem autônoma de línguas em Tandem. Textos pedagógicos e didáticos**. 12<sup>a</sup> Lisboa: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002.

DE OLIVEIRA, V.C. **Ações Telecolaborativas em Inglês como Língua Franca**. 2018. (Relatório de pesquisa não publicado).

EL KADRI, M. S. Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês. **Entretextos**. Londrina, v.10, n.2, p.64-91, 2010.

FERDIG, R.E. *et al.* Teaching, Technology, and Teacher Education during the COVID-19 Pandemic: Stories from the Field. **Association for the Advancement of Computing in Education (AACE)**. 2020. Disponível em: <<https://www.learntechlib.org/p/216903/>>. Acesso em junho de 2020.

FREITAS, P. de C. B.; GARCIA, D. N. de M. **A referência e o estereótipo na comunicação colaborativa intercultural. Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 47, n. 2, p. 319–333, 2018. DOI: 10.21165/el.v47i2.1997. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1997>. Acesso em: 4 set. 2023.

GARCIA, D. N. M.; GOMES DE SOUZA, M. Teletandem mediation on Facebook. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 155–175, 2018. DOI: 10.21165/gel.v15i3.2400. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2400>. Acesso em: 4 set. 2023.

GARCIA, D. N. de M. A telecolaboração como contexto para a formação de professores. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 50, n. 3, p. 1064–1082, 2021. DOI: 10.21165/el.v50i3.2970. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/2970>. Acesso em: 4 set. 2023.

GARCIA, D. N. de M. Políticas públicas de internacionalização: os cursos de japonês dentro do Idiomas sem Fronteiras. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 49, n. 3, p. 1337–1358, 2020. DOI: 10.21165/el.v49i3.2566. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/2566>. Acesso em: 4 set. 2023.

GARCIA, D. N. M. **O que os pares de Teletandem (não) negociam-Práticas para um novo contexto on-line, interativo para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI**. São Paulo, Editora UNESP, 2013. Disponível em: <<http://www.editoraunesp.com.br/catalogo/9788539304165,que-os-pares-de-teletandem-em-negociam-o>>. Acesso em: 03 de julho de 2014.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999.

MORAN, J. M. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Contrapontos** – volume 4 – n. 2 – p. 347-356 – Itajaí, maio/ago. 2004.

O'DOWD, R. Supporting In-Service Language Educators. In: **Learning to Telecollaborate. Language Learning & Technology**, v. 19, n. 1, p. 63-82, 2015.

O'DOWD, R. (Ed.) **On-line intercultural exchange**: A practical introduction for foreign language teachers. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007.

ROSS, A. F.; DISALVO, M. L. Negotiating displacement, regaining community: The Harvard Language Center's response to the COVID-19 crisis. **Foreign Language Annals**, 2020, p. 1-9. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/flan.12463>. Acesso em junho de 2020.

SALOMÃO, A. C. B.; FREIRE JUNIOR, J. C. (Orgs.). **Perspectivas de internacionalização em casa**: intercâmbio virtual por meio do Programa BraVE/Unesp. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2020.

TELLES, J. A. **TELETANDEM**: Transculturalidade na comunicação on-line em línguas estrangeiras por webcam. *Teletandem News*, ano V, n. 1, p. 2-3, jan./abr. 2011.

TELLES, J. A. **Teletandem**: um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI. Campinas: Pontes Editores/ FAPESP, 2009.

TELLES, J. A. **Projeto Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos – Ensinando e Aprendendo línguas estrangeiras in-tandem via MSN Messenger**. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP. 2006. Disponível em: <[http://www.teletandembrasil.org/site/docs/TELETANDEM\\_BRASIL\\_completo.pdf](http://www.teletandembrasil.org/site/docs/TELETANDEM_BRASIL_completo.pdf)>. Acesso em: 02 de julho de 2014.

TELLES, J. A.; VASSALLO, M.L. **Foreign Language Learning in-tandem**: Teletandem as an alternative proposal. *The ESPecialist*, vol. 27, nº 2 (189-212) 2006.

VASSALLO, M.L.; TELLES, J. A. Foreign Language Learning in-tandem: Theoretical Principles and research perspectives. *The ESPecialist*, vol. 27, nº 1 (83-118) 2006.

MARQUES-SCHÄFER, G.; ROZENFELD, C. C. De F. (Orgs.). **Ensino de línguas e tecnologias móveis**: políticas públicas, conceitos, pesquisas e práticas em foco. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.